

Ecologias políticas do sagrado no contexto do paganismo contemporâneo em Portugal

Joana Martins

Face aos desequilíbrios socioecológicos que atravessam a contemporaneidade, várias são as vozes e movimentos que se empenham nos debates sobre um futuro possível. No seio do paganismo contemporâneo, um movimento religioso e espiritual bastante heterogêneo que engloba diversas práticas, correntes e interlocutores, estes ecos são prementes. Ao considerarem a natureza enquanto entidade sagrada, e se inspirarem e inspirarem movimentos políticos como o ambientalismo e o ecofeminismo, a celebração da natureza, e a necessidade de cura, regeneração e empoderamento, tanto pessoal como coletivo, são dimensões centrais nas suas vidas religiosas, espirituais e políticas. Na interseção de diálogos entre o sagrado, a ecologia e o político, refletem, criam e agem criativamente na procura de relações equilibradas com o ambiente, e de espaços onde podem experienciar a sua identidade de género. Este artigo propõe-se refletir como a dimensão do sagrado dialoga com a dimensão ecológico-política a partir da experiência religiosa/espiritual das pessoas pagãs em Portugal. E como estas se relacionam com o meio ecológico em que vivem, e são afetadas e se posicionam politicamente ao procurarem soluções para os desequilíbrios socioecológicos que a contemporaneidade atravessa.

PALAVRAS-CHAVE: paganismo contemporâneo, ecologia política, género, religião e espiritualidade, Portugal, ecofeminismo.

Political ecologies of the sacred in the context of contemporary paganism in Portugal • Before the contemporary socioecological instability, several voices and movements engage in debates about a possible future. In the context of contemporary paganism, an heterogenous religious and spiritual movement that includes several practices, currents and interlocutors these echoes are urgent. Considering nature as a sacred entity and celebrating it, inspiring themselves and political movements such as environmentalism and ecofeminism, and calling for healing, regeneration and empowerment, both personal and collective are central dimensions of their religious, spiritual and political lives. In the intersection of the dialogues between the sacred, ecology and the political, they creatively reflect, create and act in the search for balanced relationships with the environment, and for spaces where they can experience their gender identity. This article aims to reflect how the sacred dialogues with the ecological and political from the religious and spiritual experience of pagans in Portugal. And how these relate with the ecological setting they live in, and are affected and politically position themselves while they search for solutions for the socioecological instability that contemporaneity experience.

KEYWORDS: contemporary paganism, political ecology, gender, religion and spirituality, Portugal, ecofeminism.

MARTINS, Joana (martins.joanarr@gmail.com) – CRIA FCSH NOVA / IN2PAST, Portugal. ORCID: 0000-0002-8349-6157. CRediT: conceitualização, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, validação, visualização, redação do rascunho original; redação – revisão e edição.

Agradecimento: agradeço à Vanessa Amorim e ao António Pusceddu por serem as forças motoras por detrás da criação dos tão enriquecedores Encontros de Ecologia Política, e na organização deste dossiê. Agradeço ainda a todas as pessoas que trouxeram as suas vozes para esta investigação.

Financiamento: Investigação de doutoramento financiada pela bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com referência SFRH/BD/138893/2018 e bolsa excepcional de mitigação de impactos da Covid-19 da FCT com referência COVID/BD/152766/2022.

OS DESEQUILÍBRIOS, INCERTEZAS E CRISES SOCIOECOLÓGICOS QUE atravessam a contemporaneidade (Apostolopoulou e Cortes-Vazquez 2019) despoletam ansiedades concretas sobre o futuro possível da existência de todos os seres humanos e não-humanos, e do planeta. A necessidade de agir, procurar, indagar e criar para, e sobre, um futuro possível manifesta-se assim através de diversas vozes com enfoques, objetivos, histórias de vida, linguagens, contextos socioeconómicos distintos. E, apesar de ecoarem em quadrantes de enfoque que aparentemente não se aproximam, na realidade, as dimensões da espiritualidade e religiosidade, do ambiente e da política dialogam e entrelaçam-se para lá de fronteiras analíticas, temáticas ou organizacionais, criando assim um diálogo profícuo com um objetivo comum em prol do futuro e do respeito pela vida. O movimento religioso/espiritual do paganismo contemporâneo é um exemplo de como estas dimensões se cruzam, seja nas influências do movimento, seja nas vivências das pessoas.

Assim, este artigo propõe-se refletir sobre a interseção entre a dimensão do sagrado e do político, na forma de práticas religiosas, ambientalistas, ecologistas e ecofeministas levadas a cabo por pessoas pagãs em Portugal, com base na etnografia realizada desde 2018 neste contexto para o doutoramento em Antropologia. Este trabalho realizou-se maioritariamente com pessoas que se identificavam como mulheres, de nacionalidade portuguesa e inglesa, dos 20 aos 70 anos, com cursos superiores nas áreas das artes, humanidades e ciências sociais, e cujas vivências religiosas/espirituais se dão tanto em grupos como de forma solitária; recorrendo a métodos como o trabalho de campo, entrevistas, histórias de vida, participação em eventos e etnografia *online*. Os estudos de caso mobilizados neste artigo referem-se ao acompanhamento da Congregação Politéista PFI-Portugal – com quem a autora tem vindo a trabalhar desde 2016 –

na Marcha pelo Clima e num ritual que sucedeu a este evento em 2018; à participação na Conferência da Deusa Portuguesa em 2019 e ao acompanhamento *online* da Glastonbury Goddess Conference em 2020.

Tendo como base as abordagens da religião vivida, da ecologia política e do ecofeminismo, os casos etnográficos aqui discutidos refletem de forma implícita e explícita esta relação entre o sagrado e o ecológico na vivência religiosa/espiritual de pessoas pagãs nestes contextos, na sua procura por respostas e soluções perante a ansiedade e incerteza despoletada pelas várias crises socioambientais da contemporaneidade. Ao contrário dos pressupostos difundidos de que religião e espiritualidade são dimensões apolíticas e individuais da vivência das pessoas, assim como pressupostos de que estas, com a difusão da secularização das sociedades e laicização dos Estados, diminuíram e perderam expressão no espaço público e político, o crescimento exponencial de movimentos religiosos e espirituais a partir dos anos 60 do século passado e a sua crescente visibilidade no espaço público nas últimas décadas (Fedele e Knibbe 2013) demonstram o quão interligadas estão as dimensões do sagrado, da ecologia e da política na contemporaneidade.

A abordagem da religião vivida foca o que pode ser elucidado ao olhar a experiência das pessoas, no que elas consideram importante e nas práticas concretas que fazem parte da sua expressão e experiência religiosas, em vez de se centrar nas instituições e na filiação nestas. Esta abordagem também defende que pensar-se a religião como algo mutável, multifacetado e até contraditório, que vai para lá do que é institucionalmente considerado, é uma mais-valia para a compreensão destes fenómenos e vivências (Ammerman 2016; McGuire 2008). Concilio essa abordagem com a da ecologia política (Roberts 2020; Leff 2015), na sua proposta de olhar a interligações entre sociedade e ambiente do ponto de vista das relações de poder que contribuem para as definições e reproduções dos desequilíbrios socioecológicos. A proposta da ecologia política feminista leva esta premissa mais longe, ao chamar atenção para como a agencialidade política surge de subjetividades complexas e interseccionais, em que as dimensões do género, classe social e sexualidade, entre outras, são centrais na relação com as mudanças ambientais, e as consequentes respostas afetivas que surgem nesse processo. Retomando ideias ecofeministas, este foco ilumina a relação entre o social e o ecológico materializada em dimensões emocionais e afetivas vivenciadas nos quotidianos (Elmhirst 2015). Se considerarmos que a dimensão da religião e espiritualidade é também integrante da subjetividade e promotora de reações afetivas, inscritas em complexas relações de poder ao nível social e ecológico, esta presta-se também a ser analisada a partir da ecologia política. Contudo, a aplicação desta abordagem no campo da religião e da espiritualidade tem sido escassa (Wilkins 2021).

Assim, o uso destas abordagens teóricas enriquece o entendimento de uma realidade tão complexa e heterogénea como a do paganismo contemporâneo.

A sua utilização permite compreender como a dimensão do sagrado, ancorada em noções de cuidado e mapeada por críticas ecofeministas e da ecologia política feminista, que iluminam as relações de poder inerentes à exploração das mulheres e do planeta e preservação de todas as formas de vida, é influenciada e influencia as abordagens das pessoas ao ambiente na sua procura em responder criativamente às ansiedades pessoais e coletivas face à crise ambiental.

Este artigo irá abordar o que é o paganismo contemporâneo e as suas características no território português em relação ao britânico, que o inspirou; de seguida irá focar-se nos casos etnográficos para iluminar como surgem as dimensões que se propõe analisar durante a vivência social, ambiental e religiosa/espiritual das pessoas pagãs. Por fim, irá apresentar uma reflexão em forma de conclusão.

PAGANISMO CONTEMPORÂNEO

O paganismo contemporâneo é um termo abrangente utilizado para definir vários movimentos religiosos e espirituais, que engloba diversos princípios, práticas, grupos, correntes e interlocutores. É bastante heterogéneo, contudo, alguns princípios unem as diversas correntes. O mais consensual tem que ver com o entendimento da natureza enquanto uma entidade sagrada e senciente que deve ser respeitada, venerada e celebrada.¹ Esta é celebrada a partir de um calendário sazonal festivo, formado por vários festivais, como os equinócios de primavera e outono, e os solstícios de verão e inverno.² Estas celebrações articulam e traduzem outro princípio, que é o uso criativo do ritual e do mito. Rituais são essenciais nas vivências religiosas/espirituais das pessoas pagãs, utilizados para celebrar a ciclicidade, mas também processos nas suas vidas, como nascimentos, morte, casamento ou maioridade (Magliocco 1996). Nestes eventos, extremamente criativos, exploram, no contacto com as suas divindades e antepassados, as suas intenções, sociabilidades, oferecendo um sentido de comunidade de iguais e de mais-que-humanos (Torre e Gutiérrez Zúñiga 2020). Além disso, recorrem, inspiram-se, revivem e reconstróem

1 Os meus interlocutores definem “natureza” como um sistema vivo que engloba vários ecossistemas, humanos, não-humanos e mais-que-humanos, sendo encarada como entidade feminina e materna e de sustento, e um referencial de ação moral e ética. A sua abordagem segue as influências do movimento romântico dos séculos XVIII e XIX, em que a natureza era considerada um espaço idílico, assim como do misticismo europeu do final do século XIX e início do século XX (Greenwood 2005). O foco na natureza como feminina advém das influências feministas e de emancipação, que dialoga com abordagens filosóficas, religiosas e literárias que promoveram esta imagem no período que antecedeu a revolução científica e industrial a partir do qual a natureza passou a ser encarada do ponto de vista mecânico (Merchant 2023).

2 Este calendário sazonal é chamado Roda do Ano, constituído por oito festivais, e cada corrente de paganismo dá um nome específico a cada um dos festivais. Este calendário não é restritivo, nem é obrigatório ser seguido. Para uma discussão mais abrangente deste tema ver Martins (2017).

tradições religiosas pré-cristãs, com base em locais e culturas religiosas específicas que providenciam as bases de legitimação da sua vivência religiosa/espiritual. Por fim, o foco na igualdade de género é central na sua vivência, manifestando-se na sua relação com as divindades que cultuam,³ reconhecendo o divino com energias masculinas e femininas, cultuando tanto deuses como deusas (Harvey 2010).

Em Portugal, encontramos correntes de Wicca e Bruxaria Tradicional, Espiritualidade da Deusa, Reconstrucionismo Sumério e Helénico, Azatru, Druidismo,⁴ Culto de Divindades Ibéricas (Velloso 2020), este último, que pode cruzar todas as outras correntes, torna-se uma das especificidades do paganismo em Portugal. Todas estas correntes espelham a diversidade e heterogeneidade do movimento, tendo cada uma a sua abordagem, como veremos; contudo, podemos encontrar entre elas semelhanças que nos permitem falar de um movimento geral de paganismo contemporâneo –, sem o uniformizar – que entra em diálogo com questões ambientais, de poder e de género.⁵

Olhando para este movimento no contexto português, é importante fazer uma breve referência ao contexto britânico,⁶ já que existem estreitas ligações entre as correntes que serão mobilizadas nos casos etnográficos aqui analisados: a Congregação Politeísta PFI-Portugal que faz parte da Pagan Federation International (PFI), que por sua vez tem uma estreita ligação à Pagan Federation britânica,⁷ com base Wicca; e o Movimento da Deusa Português que foi influenciado pelo Movimento da Deusa de Glastonbury e pelo modelo da Goddess Conference. Contudo, existem particularidades. Por um lado, a sua longevidade nos territórios, em que, como indicado, se estabeleceram a partir

3 Nos casos em que levam uma prática politeísta, uma vez que também podem ser panteístas e animistas.

4 “Wicca”, “Espiritualidade da Deusa”, “Reconstrucionismo Sumério” e “Reconstrucionismo Helénico”, “Azatru” e “Druidismo” são designações das várias correntes que se podem incluir sob o rótulo de “Paganismo Contemporâneo”. Sendo o primeiro uso das palavras émico, com o passar do tempo tornaram-se designações de correntes religiosas e espirituais. Para mais informação sobre cada uma destas correntes consultar Harvey (2010).

5 Em Martins (2023b) foi realizada uma caracterização e levantamento dos vários grupos e correntes de paganismo contemporâneo em Portugal, assim como uma clarificação da genealogia entre Portugal e o Reino Unido. Além disso, os casos etnográficos foram analisados em profundidade também nessa referência.

6 A abordagem a estes dois contextos na investigação não pretende ser uma abordagem comparativa, mas sim genealógica. O contexto britânico é mobilizado por ser daí que surgiram a maioria das correntes e influências dos grupos com os quais trabalhei no contexto português.

7 A Pagan Federation (PF) foi criada no Reino Unido em 1971. A criação da Pagan Federation International (PFI) por membros da PF britânica surge de uma vontade de criação de *networks* noutros países para lá das ilhas britânicas, de modo a continuar o trabalho de reconhecimento do movimento e promoção do contacto entre pessoas pagãs. Várias associações juntaram-se assim à PFI, com coordenadores locais que fazem essa ponte com a coordenação da PFI, que por sua vez continua a manter as suas relações com a PF.

dos anos 60 no Reino Unido, mas que em Portugal, pelo menos a sua organização formal, começou apenas no final dos anos 90 do século XX.

Por outro lado, num contexto como o português, cujo cristianismo religioso e cultural se encontra enraizado, mas que ao mesmo tempo apresenta uma grande pluralismo religioso (Mapril e Blanes 2013; Roussou 2016; Dix 2009), e que tem instrumentos como a Lei da Liberdade Religiosa⁸ e iniciativas como o Diálogo Inter-Religioso (Diálogo Inter-Religioso [s. d.]), que contribuem para o exercício livre da sua vivência religiosa/espiritual, e a crescente visibilidade no espaço público, é impossível saber o número de pessoas pagãs. O movimento, apesar de formalizado, não está institucionalizado, não há consenso quanto à sua definição, além de que existem questões de secretismo e receio de discriminação e crítica social (Fedele 2015, 2013). Assim, a reivindicação do espaço público e de direitos por estes movimentos em Portugal dá-se com menor organização e coesão do que no contexto britânico, em que é reconhecido e representado em instrumentos estatais como os censos.

Além disso, o paganismo contemporâneo desenvolveu-se ao mesmo tempo que uma série de movimentos sociais ambientalistas e feministas. Assim, o ambientalismo e o feminismo foram fontes de inspiração para várias correntes, e foram também inspirados por este movimento religioso e espiritual que percebe o planeta e toda a vida nele inscrita como sagrados (Pike 2017, 2019). Encontram-se influências do ambientalismo nos seus discursos, nomeadamente o clamor de uma mudança de atitude perante a natureza e outros seres, criticando o impacto do capitalismo, de políticas neoliberais no ambiente e na vida social. O facto de entenderem a natureza enquanto sagrada, e se sentirem responsáveis pela sua manutenção, proteção e regeneração faz com que dialoguem e defendam uma ação concreta e política contra estas influências estruturais. Quanto à influência feminista, mais especificamente do ecofeminismo (Eaton 2001; Mies e Shiva 2014; Saave 2022), a partir dos anos 80 tornou-se visível ao oferecer compreensões alternativas ao género, e permitindo também a criação de correntes religiosas e espirituais de espiritualidade feminista, como é o caso do Movimento da Deusa (Feraro 2019), como veremos. Neste contexto, combinam as suas convicções espirituais e políticas em demonstrações públicas e ativistas e nas suas práticas rituais e religiosas (Zwissler 2009, 2012, 2018; Aune 2015). O enfoque particular em questões ambientais e feministas depende das abordagens de cada uma das correntes e grupos.

Portanto, a celebração e advocacia em torno da proteção e respeito pela natureza e igualdade de género e empoderamento são temas centrais nas vivências e anseios das pessoas interlocutoras, mesmo que adotando abordagens distintas. Estas traduzem-se em narrativas sobre a necessidade de cura, regeneração e reconexão com o ecossistema, tanto a título individual como

8 Decreto-Lei n.º 16/2001, *Diário da República* n.º 143/2001, Série I-A, de 22 de junho.

coletivo, indissociáveis das relações de poder que a ecologia política aborda. E este processo é realizado através de ações políticas concretas, como participando em manifestações e marchas ou na assinatura de petições; assim como através de práticas mágico-rituais como será demonstrado de seguida.

FIRMAR DESEJOS DE PROTEÇÃO PLANETÁRIA

Era uma tarde quente de setembro em Lisboa, com uma leve brisa a acariciar a pele enquanto caminhava junto ao rio Tejo, em direção ao Cais do Sodré, onde me ia encontrar com os membros da Congregação Politeísta PFI-Portugal.⁹ Nesse dia, tinha sido convocada a Marcha pelo Clima,¹⁰ ao nível nacional e internacional, com o intuito de exigir ação por parte dos governos e seus líderes face à crise climática. Naquele momento, uma das preocupações dos coletivos ambientalistas nacionais prendia-se com a exploração de minério na costa portuguesa, e a aprovação de projetos extrativistas. Nessa tarde, cidadãos, coletivos ambientalistas, partidos políticos do centro-esquerda e esquerda, e esta associação de fundo religioso e espiritual, procuraram contestar e pressionar o governo a pôr fim a esse processo, investindo antes em recursos de energia renovável.

A PFI-Portugal convocou os seus membros para participarem na marcha, enviando uma carta aberta a indicar o porquê de se juntarem a esta causa. Nas suas palavras, acreditavam que enquanto cidadãos e cidadãs pagãs, deviam construir e partilhar uma consciência ecológica. Estavam a participar porque...

“... enquanto para um cidadão ecologicamente responsável, a Terra é um espaço a proteger para que a nossa sobrevivência enquanto espécie seja assegurada; para um Politeísta [pagão] a Terra-Mãe é muito mais: é um local sagrado que nutre a Vida e perpetua os seus ciclos, é um templo vivo que deve ser preservado para que o frágil equilíbrio entre a Vida e a Morte, mantenha-se.”¹¹

Assim, em resposta ao que propuseram, seguiram a marchar pelas ruas de Lisboa, com cartazes com imagens e frases alusivas, como “Não aos furos! Não estraguem a Terra e o Mar!”, ou “AR PURO para podermos Respirar, ÁGUAS LIMPAS para haver Vida, TERRA VIVA Não aos transgênicos!” entre cartazes de “Não há Planeta B”, e gritando palavras de ordem “Somos Natureza em

9 A Congregação Politeísta PFI-Portugal é uma associação sem fins lucrativos, que trabalha para defender pagãos e politeístas, e educar e agir aos níveis sociais, culturais, ambientais e humanitários. Foi criada em 2001, e formalizada em 2002. Daqui para a frente referida como PFI-Portugal.

10 Iniciativa Rise for Climate, 8 de setembro de 2018.

11 Excerto da carta aberta enviada aos associados da PFI-Portugal sobre a participação da associação na Marcha pelo Clima, em setembro de 2018.



Figura 1 – Marcha pelo Clima, 8 de setembro de 2018, Lisboa, Portugal.

Fonte: © Autora.

autodefesa!”, “Negociar o quê? Não há Planeta B!” e “Não ao furo! Sim ao Futuro!”.

Nesta marcha, a sua presença marca um posicionamento duplo. Por um lado, a sua devoção e preocupação para com o planeta enquanto entidade viva, encarada como a Mãe-Terra que sustenta e nutre todos os seres, e para com os impactos locais concretos que políticas e indústrias de exploração têm nos ecossistemas; por outro, o seu posicionamento enquanto movimento religioso/espiritual que se empenha em formas de participação política e ativista, reclamando o seu lugar no espaço público e promovendo a sua visibilidade.

Contudo, este processo não termina apenas nas demonstrações públicas em torno de uma causa. Este continua em ações coletivas ritualísticas, como foi observado na sua celebração do equinócio de outono, que teve lugar dias depois em Sintra.

No *e-mail* informativo enviado aos membros que iriam participar na celebração, foram partilhadas as preces a utilizar durante o ritual, entre elas as palavras de ordem proferidas durante a Marcha pelo Clima, e para terminar o ritual, uma prece final que pretendia canalizar a energia e magia a serem trabalhadas com o objetivo de curar e proteger o planeta.



Figura 2 – Celebração do equinócio de outono PFI-Portugal, setembro de 2018, Sintra, Portugal. Fonte: © Autora.

Depois de o espaço ser preparado, os membros juntaram-se em círculo, o altar no centro, e o rito começou. Por norma, um ritual pagão começa já com a preparação do espaço onde vai ocorrer, seja a limpeza física e energética do espaço, seja a construção do altar, assim como a purificação dos participantes, que pode ser realizada recorrendo ao uso de incenso, água ou óleos. De seguida, dá-se a abertura do espaço sagrado invocando os quadrantes, ou seja, o Norte, Sul, Este e Oeste, que funcionam como os protetores do espaço; são invocadas ainda as divindades tutelares daquele rito, escolhidas por serem arquétipos de uma determinada energia, que neste caso eram divindades associadas à Terra. O ritual desenvolve-se com preces e cânticos, que neste caso eram as palavras de ordem da Marcha pelo Clima. Como mais tarde me explicaram os responsáveis da PFI-Portugal, estas foram utilizadas para recuperar a energia que tinha sido produzida por todas as pessoas que as entoaram naquela tarde, juntá-la à energia dos membros da associação que estavam naquele momento a criar e a produzir poder para que a sua intenção fosse respondida. Esta intenção manifestou-se na prece final, enquanto as pessoas de mãos dadas rodavam no círculo, entoando:

Da Terra ao Sol
 Do Sol à Terra
 Noite e dia, a Terra gira
 Gira, gira a criar
 Para na mente humana o nosso desejo firmar: A Terra salvar!

A cada volta intensificando a cadência e erguendo cada vez mais o tom das suas vozes, esta prece foi sendo proferida, até que, na última volta, terminaram colocando as mãos na terra, no exato momento em que dizem “A Terra salvar!”.

Este exemplo etnográfico demonstra a forma como alguns pagãos procuram formas de articular preocupações socioambientais e ecológicas concretas com as suas vivências e motivações religiosas/espirituais. Contudo, também encontrei motivações com bases ecofeministas, além de ambientalistas, em dois momentos de trabalho de campo distintos com outros grupos: o primeiro durante a Primeira Conferência da Deusa Portuguesa que teve lugar em maio de 2019; o segundo, durante a vigésima quinta Glastonbury Goddess Conference 2020 *online*.

CELEBRANDO A DEUSA-TERRA

O Movimento da Deusa, ou Espiritualidade da Deusa é um movimento internacional que parte da premissa de que existe uma Grande Deusa, a Deusa-Mãe, uma divindade imanente no mundo, que se manifesta através da Terra, e que é a Terra, através das suas paisagens, nos ciclos sazonais e da Lua, no ciclo de vida e morte, no ciclo de vida humano, nas diferentes estados e idades e de outros seres. Para si, a Terra nutre, sustenta e protege, manifestando-se nas diversas divindades femininas presentes nos mais diversos panteões religiosos, sendo comum que nos espaços rituais sejam invocadas divindades de diversos contextos. Inspiram-se no chamado Mito do Passado Matriarcal Pré-Histórico, que defendia a existência de uma Deusa original cultuada por culturas neolíticas e da Idade do Bronze da “Velha Europa”, que eram lideradas por mulheres, sendo sociedades pacíficas, sem guerra e viradas para o cuidado (Bowman 2004; Whitehead 2018). Esta tese influenciou vários grupos de espiritualidade feminista nos anos 60 e 70 do século passado, pois colocava a mulher no centro da narrativa, ao contrário da narrativa androcêntrica que mapeou os seus referenciais culturais e religiosos até então. Esta tese tem vindo a ser criticada e refutada, contudo a ideia de uma Grande Deusa, a Deusa-Mãe, tem permanecido e faz parte do referencial religioso e espiritual de muitas mulheres, homens, e pessoas *queer* contemporaneamente e internacionalmente (Eller 2005) no contexto do paganismo contemporâneo.

Em 1996 foi criada a Goddess Conference, que rapidamente se tornou um modelo que se disseminou internacionalmente (Fedele 2015). Em Portugal foi realizada pela primeira vez em 2019, em Sintra. Nos espaços de encontro desta corrente de paganismo é comum que defendam, à semelhança da crítica ecofeminista, que uma das causas que levaram à degradação ambiental e todas as questões que afligem as nossas sociedades foi a dissociação que se deu da Natureza / meio ambiente provocadas por um poder androcêntrico e

hegemónico. Do mesmo modo, esse poder e estruturas que exploraram ecologias são as mesmas que exerceram força no corpo das mulheres e as exploraram (Mies e Shiva 2014).

No primeiro dia da Conferência da Deusa estava sentada junto à entrada para sentir a brisa fresca que aí passava, que contrastava com o ar abafado da tenda sob o sol primaveril e cheiro a incenso. Um grupo de mulheres entrou na tenda e sentou-se perto de mim, partilhando a sua experiência e o porquê de ali estarem. Refletiam sobre a importância de estarem num lugar seguro, como a Conferência, tendo em conta a violência, misoginia e ataque que é feito à mulher por todo o mundo. Uma delas afirma: “Temos de estar firmes nas nossas convicções.”

Esta narrativa foi sendo reproduzida durante o evento, durante palestras, *workshops*, rituais e cerimónias, começando pelo próprio tema da conferência, “Curar o feminino, curar o planeta”, em que...

“... serão três dias de imersão no outro lado do véu, em profunda comunhão com a nossa herança celta passada, recuperando as tradições quase perdidas de celebrarmos a Senhora à nossa maneira, mantendo o espaço



Figura 3 – Conferência da Deusa Portugal, Maio de 2019, tenda e altar, Sintra, Portugal. Fonte: © Autora.

sagrado a fim de permitir que o espírito da mulher se erga bem alto novamente neste mundo, forte e livre de todo o condicionamento patriarcal...”¹²

Numa das palestras, a sacerdotisa que a conduziu mencionou várias vezes a importância de reconexão e ação pelo planeta, afirmando que “as feridas da Terra são as mesmas feridas que nós encontramos na nossa cultura. São feridas de abuso de poder”, e é necessário “encontrar estratégias preventivas e regenerativas, tanto para o ecossistema como para coração humano”, sendo necessárias “orações em ação” para reconectar.¹³

Numa entrevista com a sacerdotisa, esta afirma que desde o início que se reconhece enquanto pessoa, que sempre foi uma ecofeminista, questionando uma necessidade muito concreta e incorporada de afirmar e defender o seu espaço enquanto mulher, e os ecossistemas, pois...

“... faz imenso sentido, quando já sabemos dentro de nós este caminho, fazer dele uma ação política, faz sentido. Porque creio também que as pessoas com uma via pagã, elas sentem uma ligação à natureza muito profunda. E para nós, perder elementos da natureza, perder ecossistemas, é como perder pessoas. Não há diferença. E isto é o que muita gente tem dificuldade em compreender. A perda de um ecossistema é um luto tremendo. A perda de mais um rio, a abertura de mais uma mina... é, é... devastador. Então não acho que possa ser outra coisa. Não tenho hipótese. Não vivo num mundo em que tenho hipóteses de não falar destes temas.”¹⁴

No discurso desta sacerdotisa encontra-se estão o entrelaçar das dimensões do sagrado, da ecologia e da política, e a forma como as estruturas de poder se manifestam. No seu entendimento, a sua abordagem religiosa/espiritual promove a conexão ao planeta, mas esta não pode ser separada de posicionamentos políticos e preocupações ecológicas que têm impacto direto nas suas vidas e de outros seres. Este posicionamento é comum em correntes de paganismo contemporâneo em vários países, como me deparei durante a realização do trabalho de campo. Além disso, a influência de algumas pessoas no meio nacional e internacional é clara nos seus discursos, pelo que a ida à *Glastonbury Goddess Conference* no ano de 2020, onde iria palestrar e conduzir um *workshop* a bruxa e ativista ecofeminista Starhawk,¹⁵ foi imperativa para

12 Descrição do evento retirada do *website* da Conferência da Deusa Portugal 2019, em maio de 2019.

13 Frases proferidas pela sacerdotisa durante a sua palestra, apontadas no caderno de terreno, em maio de 2019.

14 Entrevista, 27 de dezembro de 2021.

15 Starhawk é uma bruxa e pagã americana que tem estado envolvida em movimentos antiguerra e ações diretas ambientalistas e feministas. Combina ativismo, permacultura e espiritualidade nos seus cursos e abordagens religiosas/espirituais. Starhawk é também uma das cofundadoras da [continua]

ilustrar as abordagens sagradas e políticas que emergem neste contexto. Este evento, que ocorreu *online* em 2020 devido às restrições da Covid-19, tinha como tema a Mãe-Terra, e todo o evento, mesmo sendo *online*, decorreu em torno de uma necessidade de reconexão e regeneração da relação com a Deusa que se manifesta a partir do próprio planeta.

No texto de apresentação da conferência presente no programa, é mencionado que:

“Temos que criar uma conexão que é restauradora, não só para a natureza, mas para nós humanos, e para o nosso lugar dentro da Sua [Terra/Deusa] natureza. [...] Ela diz-nos que nunca estamos acima ou desconectados, estamos profundamente enraizados Nela [...]. Ela lembra-nos que nunca temos ‘propriedade sobre’, mas somos sim parte da ‘pertença a’. A Sua forma nunca é poder sobre, mas poder com. É quando nos esquecemos disto que a doença da destruição, ambiental e das Suas crianças humanas,



Figura 4 – Altar criado para acompanhar a Glastonbury Goddess Conference *online*, 2020. Fonte: © Autora.

Reclaiming Community, que entrelaça nas suas práticas o ativismo ambiental radical, o feminismo e o paganismo, tendo influenciado vários grupos, incluindo o Movimento da Deusa.

através de expressões como guerra, colonialismo, escravatura, ganância, competição e orgulho se manifesta. Esta doença está dentro e à nossa volta. [...] Ela chamou-nos para lembrar, para reconectar. [...] ela é a nossa casa, e a nossa responsabilidade para com Ela é despertar.”¹⁶

Como se pode observar, a desconexão com a natureza é no seu entendimento a causa dos problemas sociais que a contemporaneidade atravessa, sendo tratada como uma doença que tem de ser curada, noção comum no seio da espiritualidade e religiosidade contemporâneas (Longman 2018; McGuire 1993). Além de curar, é necessário regenerar esta ligação. Durante a conferência, estive presente num *workshop* providenciado por Starhawk – uma bruxa ecofeminista americana, formadora de permacultura, figura central do Movimento da Deusa, inspirando inclusive a sacerdotisa portuguesa acima mencionada, e cuja prática religiosa/espiritual tem uma componente ativista – com o título “The Wheel of Regeneration”, no qual nos foi pedido que desenhássemos a ligação à Terra, e o que pretendíamos colher enquanto fruto dessa regeneração.

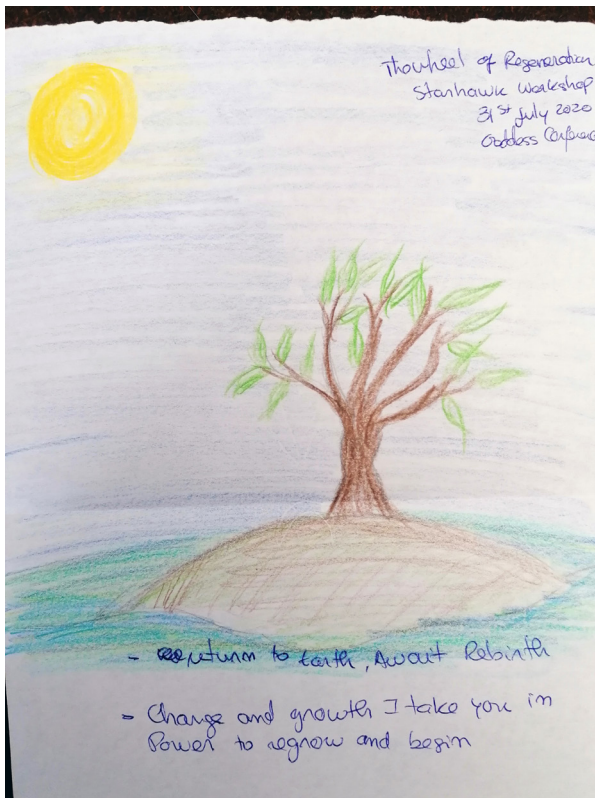


Figura 5 – Desenho de terreno realizado durante a Glastonbury Goddess Conference para o *workshop* de Starhawk, julho de 2020, online. Fonte: © Autora.

16 Excerto do programa da conferência, tradução livre pela autora.

No decorrer do *workshop*, Starhawk afirma que trabalhar na regeneração da Terra, seja concretamente através de práticas como a permacultura, seja simbolicamente, em termos de relações entre humanos e mais-que-humanos e o planeta, “é também cultura. Há a necessidade de criar uma cultura que celebra os ciclos da vida e da regeneração”.¹⁷ E, portanto, estas ações concretas, que são tanto religiosas/espirituais como políticas, promovem uma ideia de conexão com o mais-que-humano traduzido em noções de cuidado e transformação que partem de posicionamentos pessoais, mas que são também eles ações coletivas de contestação das relações de poder que afetam as suas identidades de gênero e envolvimento com o planeta.

No último dia da Goddess Conference, uma das palestras foi sobre ativismo da Terra, com mulheres que estavam envolvidas em movimentos como Extinction Rebellion e Earth First!. Estas mulheres, com idades entre 20 e os 50 anos, relataram a sua experiência nestes momentos de ação direta e contestação, assim como as motivações que as levaram a tal. Algumas delas foram detidas, uma ou várias vezes, durante protestos em que participaram, afirmando que foram presas pelo crime de amar e querer proteger a Terra. E que, apesar desse perigo, era claro que tinham de agir e erguer-se para lutar. Além disso, é claro para elas que não só a saúde do planeta é visível na saúde humana, como o capitalismo e o patriarcado são responsáveis pela destruição da Terra. Durante a apresentação eram vários os comentários das pessoas (síncronos e assíncronos) a partilhar o seu orgulho e emoção em verem o trabalho destas jovens mulheres, que estão a trazer ao movimento uma nova vaga de ativismo pela Terra e de feminismo.

REFLETINDO O CAMINHO PARA O FUTURO

O apelo de cura, regeneração e reconexão com o ambiente e de empoderamento é tanto individual como coletivo, como os casos etnográficos aqui discutidos demonstraram. É individual, no sentido que parte de um entendimento incorporado de como certas forças estruturais afetam os corpos, do entendimento das desigualdades de gênero, sociais e laborais, nas políticas que afetam as suas vidas, e a violência que é exercida sobre elas (Harcourt *et al.* 2023). A partir daí há a procura de formas de solucionar estas inquietações, que passam por um exercício de cura pela via espiritual e religiosa (McGuire 1983), assim como pela adoção de escolhas ecologicamente informadas, como alimentação, mobilidade e alternativas sustentáveis.

É coletivo, no sentido em que, em espaços como a Conferência da Deusa ou rituais de celebração do outono, há uma reflexão conjunta sobre o que pode ser feito, e daí serem tomadas ações concretas em prol do que percecionam ser

17 Tradução livre, afirmação de Starhawk durante o *workshop*, 31 de julho de 2020.

comum: a sobrevivência das gerações futuras e do planeta. Além disso, esse posicionamento coletivo pode partir da participação em ações políticas concretas, como marchas, manifestações, mas também ações mágicas e rituais, como as descritas acima, mas também na forma de correntes mágicas focadas em contextos específicos e situações específicas, pela cura, regeneração e justiça. Estas são realizadas em prol do futuro e do ambiente, numa procura ativa de conexão com este. Além disso, é também um dever cívico, como partilhado pelos responsáveis da PFI-Portugal, mas também espiritual, do que consideram ser uma mensagem que está a ser enviada pela Terra e recebida por todos aqueles que estão sintonizados com essas energias, como visto na carta de apresentação da Goddess Conference 2020. Como uma das participantes da Conferência da Deusa Portuguesa, e em tempos membro da PFI-Portugal afirma:

“Não me faz sentido ser pagã, ser mulher, e estar numa vertente espiritual como a minha, sem o ser. [...] no caso do Paganismo, praticante, não quer dizer que praticas rituais só. Praticante significa que és militante, vestes a bandeira. [...] se nós, que reverenciamos os ritmos naturais, não vestimos a camisola do ecossistema, quem mais?! Quem mais?! Se nós estamos aqui a voltar a trabalhar com o sagrado feminino, e dar-lhe um lugar de reverência, e a voltar a sacralizar a natureza feminina em todos os seus aspetos, se nós não somos feministas, quem mais?”¹⁸

Como demonstrado acima, na vivência das pessoas pagãs em Portugal não existem barreiras delimitadas sobre o que é o sagrado, o político ou o ecológico. Estas encontram-se entrelaçadas, cruzando-se em várias abordagens, situações e latitudes. Sem dúvida que estas abordagens têm problemas. Alguns desses problemas prendem-se com o perigo de cair em discursos essencialistas de características de género, ao focarem processos biológicos e fisiológicos e na feminização da natureza (Becci e Grandjean 2018); assim como discursos eugénicos, ao levarem à narrativa que o planeta não precisa do ser humano, como algumas das narrativas que surgiram durante o período da Covid-19, quando os níveis de poluição diminuíram (Martins 2023a). Podemos encontrar também problemas de acesso, seja identitário, seja económico e de classe. E por fim, na abordagem a questões ambientais através de um discurso em torno da sustentabilidade, que não considera questões sociais e económicas concretas, nem reflete sobre que sustentabilidade e para quem.

Além disso, demonstra questões de poder dentro do movimento do paganismo contemporâneo, que é em si plural. Apesar de as preocupações encontradas nos estudos de caso poderem dialogar, e aparentemente o fazerem, existem

18 Excerto de entrevista, 12 de maio de 2020.

tensões que partem das abordagens e inspiração base das correntes a que pertencem, e que distancia a PFI-Portugal e as organizadoras da Conferência da Deusa. O primeiro prende-se com o facto de os grupos não dialogarem entre si devido a essas diferenças base, logo não tendo estado a PFI-Portugal envolvida ou participado na Conferência da Deusa. O segundo, prende-se com o facto de que a PFI-Portugal, apesar de estar em concordância com os movimentos de emancipação das mulheres, não se inspira, revê ou adere à militância feminista (Cordovil 2020a, 2020b); pelo contrário, o Movimento da Deusa tem como inspiração clara movimentos ecofeministas. Estas diferenças de abordagem, reforçam uma vez mais a heterogeneidade do paganismo contemporâneo. Contudo, e como visto nos relatos etnográficos, a mobilização destes movimentos perante questões ambientais é premente, mesmo com abordagens e ideais diferentes.

A abordagem da religião vivida permite que neste contexto se analisem as múltiplas dimensões da vida das pessoas, e como estas experienciam a criatividade característica destes movimentos, os sentidos e emoções e respostas corporais a estas, e até mesmo as incongruências e conflitos. Através destas percebe-se que o que move a devoção é algo complexo, mapeado por relações. Na religião e na espiritualidade não se trata apenas de uma dimensão pessoal, têm em si dimensões coletivas e estruturais que informam as suas escolhas. Se a esta abordagem se juntar a da ecologia política, na sua análise multiescala, a partir do local, para compreender relações de poder que impactam o ambiente mas também o social, seja nas suas alterações, seja na sua degradação, a compreensão destes movimentos e das motivações das pessoas é enriquecida.

Muitas das pessoas pagãs chegam a estes movimentos por parte do ambientalismo (Pike 2017). Os discursos são mapeados de referências ao impacto que o capitalismo, e políticas neoliberais de extrativismo tiveram no meio ambiente. Portanto, na necessidade de combate destas questões, seja por argumentos encontrados no meio político e ativista, seja no meio religioso. Podemos encarar a forma como pessoas pagãs se envolvem em questões políticas, sejam elas de cariz ambientalista ou ecofeminista, a partir das suas vivências religiosas/espirituais como combinando um tipo de ambientalismo, que seguindo a proposta de Joan Martínez-Alier (2002), se foca no culto da “*wilderness*”, na defesa de um ideal de Natureza, prendendo-se mais com valores de conservação do que por interesses materiais, apesar do reconhecimento utilitário de alguns seres. Para esta abordagem, outras espécies têm o direito a existir, e a preservação do ambiente deve ser assegurada para a continuidade da humanidade. Esta é uma das abordagens ambientalistas que mais dialoga com a religião e a espiritualidade, já que este apreço pela natureza cresceu proporcionalmente com a destruição que o crescimento económico provocou nos ecossistemas. Não significa que não se possam encontrar outros dos *clusters* mencionados por Martínez-Alier quando se analisa o ativismo ambiental de pessoas pagãs.

Ademais, nestes espaços procuram desconstruir e curar a influência de estruturas opressoras patriarcais e capitalistas sobre os seus corpos, papéis sociais e de género e sobre o ambiente, influenciadas por abordagens ecofeministas (Salleh 1995, 1992; Becci e Grandjean 2018; Barca 2020), recorrendo também a noções de cuidado mais abrangentes, que mapeiam a sua ação entre si e perante o planeta. Assim, motivações religiosas e espirituais são também elas políticas e ecológicas. O decidir cultivar a natureza leva, e advém de uma postura de respeito, e logo de participação política – olhar legislação, contestar – e ecológica, no entendimento de um todo interligado e necessário a ser salvaguardado, mas que também espelha as diversas abordagens ambientais que mapeiam as discussões sobre poder e ambiente abordadas pela ecologia política (Bryant 2015; Jenkins e Chapple 2011; Yamamoto, Lamas e Empinotti 2020), mas também como estas estão interligadas com questões de género no âmbito da ecologia política feminista e do ecofeminismo, que consideram o eixo género-ambiente-poder como indissociável e que a espiritualidade é parte integrante deste processo (Mies e Shiva 2014; Eaton 2001, 1996; Harcourt *et al.* 2023; Elmhirst 2015; Merchant 2023).

Existe uma dimensão pessoal de culto e devoção, seja no foco nas divindades, seja na natureza, mas não deixa de existir uma intenção e experiência que dialoga com as dimensões da política e da ecologia, na procura de uma vivência holística e equilibrada na ligação humano-ambiente. No fundo, podemos considerar como formas de reencantamento do mundo que foi transformado pelas relações capitalistas, e que procura formas outras de estar no mundo, livres de hierarquias e condicionadas por relações de poder (Federici 2018), mas de conexão plena entre toda a vida existente nos ecossistemas.

BIBLIOGRAFIA

- AMMERMAN, Nancy T., 2016, “Lived religion as an emerging field: an assessment of its contours and frontiers”, *Nordic Journal of Religion and Society*, 29 (2): 83-99. DOI: 10.18261/issn.1890-7008-2016-02-01.
- APOSTOLOPOULOU, Elia, e José A. CORTES-VAZQUEZ, 2019, *The Right to Nature: Social Movements, Environmental Justice and Neoliberal Natures*. (1.^a edição). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- AUNE, Kristin, 2015, “Feminist spirituality as lived religion: how UK feminists forge religion-spiritual lives”, *Gender and Society*, 29 (1): 122-145. DOI: 10.1177/0891243214545681.
- BARCA, Stefania, 2020, *Forces of Reproduction: Notes for a Counter-Hegemonic Anthropocene*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BECCI, Irene, e Alexandre GRANDJEAN, 2018, “Tracing the absence of a feminist agenda in gendered spiritual ecology: ethnographies in French-speaking Switzerland”, *Antropologia*, 5 (1): 23-38. DOI: <https://doi.org/10.14672/ada2018138523-38>.
- BOWMAN, Marion, 2004, “Procession and possession in Glastonbury: continuity, change and the manipulation of tradition”, *Folklore*, 115 (3): 273-285. DOI: 10.1080/0015587042000284266.
- BRYANT, Raymond L., 2015, *The International Handbook of Political Ecology*. Cheltenham: Edward Elgar.
- CORDOVIL, Daniela, 2020a, “Contemporary paganism in Portugal: the case of the Pagan Federation International”, *The Pomegranate*, 22 (1): 16-29.
- CORDOVIL, Daniela, 2020b, “Paganismos, religião e atuação pública: uma comparação de discursos e práticas neopagãs no Brasil e em Portugal”, *Religião & Sociedade*, 40 (1): 203-219. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872020v40n1cap09>.
- DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, s.d., *Alto Comissariado para as Migrações, I.P. Online*. Disponível em: <<https://www.acm.gov.pt/pt/-/dialogo-inter-religioso>> (última consulta em outubro de 2025).
- DIX, Steffen, 2009, “Religious plurality within a Catholic tradition: a study of the Portuguese capital, Lisbon, and a brief comparison with Mainland Portugal”, *Religion*, 39 (2): 182-193. DOI: 10.1016/j.religion.2009.01.018.
- EATON, Heather, 1996, “Liaison or liability: weaving spirituality into ecofeminist politics”, *Atlantis*, 21 (1): 109-122.
- EATON, Heather, 2001, “At the intersection of ecofeminism and religion: directions for consideration”, *Ecotheology*, 6 (1-2): 75-91. DOI: <https://doi.org/10.1558/ecotheology.v6i2.75>.
- ELLER, Cynthia, 2005, “The feminist appropriation of matriarchal myth in the 19th and 20th centuries”, *History Compass*, 3, 1-10.
- ELMHIRST, Rebecca, 2015, “Feminist political ecology”, in Tom Perreault, Gavin Bridge e James McCarthy (orgs.), *The Routledge Handbook of Political Ecology*. Londres: Routledge, 519-530.
- FEDELE, Anna, 2013, “The metamorphoses of neopaganism in traditionally catholic countries in Southern Europe”, in José Mapril e Ruy Llera Blanes (orgs.), *Sites and Politics of Religious Diversity in Southern Europe*. Leiden: Brill.
- FEDELE, Anna, 2015, “Iberian paganism: goddess spirituality in Spain and Portugal and the quest for authenticity”, in Kathryn Rountree (org.), *Contemporary Pagan and Native*

- Faith Movements in Europe: Colonialist and Nationalist Impulses* (1.^a edição). Oxford e Nova Iorque: EASA Series, Berghahn Books, 239-260.
- FEDELE, Anna, e Kim E. KNIBBE, 2013, “Introduction: gender and power in contemporary spirituality”, in Anna Fedele e Kim E. Knibbe (orgs.), *Gender and Power in Contemporary Spirituality: Ethnographic Approaches*. Nova Iorque: Routledge, 1-27.
- FEDERICI, Silvia, 2018, *Re-Enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons*. Oakland, CA: PM Press.
- FERARO, Shai, 2019, “Playing the pipes of PAN: Pagans Against Nukes and the linking of wiccan-derived paganism with ecofeminism in Britain, 1980-1990”, in Shai Feraro e Ethan Doyle White (orgs.), *Magic and Witchery in the Modern West Celebrating the Twentieth Anniversary of the Triumph of the Moon*. Londres: Palgrave Macmillan, 45-63.
- GREENWOOD, Susan, 2005, *The Nature of Magic: An Anthropology of Consciousness*. Oxford: Berg.
- HARCOURT, Wendy, et al., 2023, *Contours of Feminist Political Ecology*. Londres: Palgrave Macmillan.
- HARVEY, Graham, 2010, *O Paganismo*. Alfragide: Texto Editores.
- IAMAMOTO, Sue Angélica Serra, Isabella Alves LAMAS, e Vanessa Lucena EMPINOTTI, 2020, “Apresentação do dossiê: diálogos contemporâneos da ecologia política, contribuições desde a América Latina”, *Revista de Ciências Sociais*, 51 (2): 13-36. DOI: 10.36517/rcs.51.2.d01.
- JENKINS, Willis, e Christopher Key CHAPPLE, 2011, “Religion and environment”, *Annual Review of Environment and Resources*, 36 (1): 441-463. DOI: 10.1146/annurev-environ-042610-103728.
- LEFF, Enrique, 2015, “Political ecology: a Latin American perspective”, *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 35: 29-64.
- LONGMAN, Chia, 2018, “Women’s circles and the rise of the new feminine: reclaiming sisterhood, spirituality, and wellbeing”, *Religions*, 9 (1). DOI: 10.3390/rel9010009.
- MAGLIOCCO, Sabina, 1996, “Ritual is my chosen art form: the creation of ritual as folk art among contemporary pagans”, in James R. Lewis (org.), *Magical Religion and Modern Witchcraft*. Nova Iorque: State University of New York Press, 93-120.
- MAPRIL, José, e Ruy Llera BLANES (orgs.), 2013, *Sites and Politics of Religious Diversity in Southern Europe: The Best of All Goods*. Leiden e Boston: Brill.
- MARTÍNEZ-ALIER, Joan, 2002, *Environmentalism of the Poor: A Study of Ecological Conflicts and Valuation*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing.
- MARTINS, Joana, 2017, *E Assim a Roda Gira: Ontologias, Natureza e Celebração Sazonal dos Ciclos Naturais no Contexto dos Movimentos Neopagãos em Portugal*. Lisboa: Iscte, dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/16169>> (última consulta em outubro de 2025).
- MARTINS, Joana, 2023a, “Connect and celebrate the Great Mother online: the ritual creativity of contemporary pagans in Portugal and the United Kingdom during the COVID-19 restrictions”, *Nova Religio*, 27 (2): 48-66. DOI: <https://doi.org/10.1525/nr.2023.27.2.48>.
- MARTINS, Joana, 2023b, *Connecting with the Great Mother, Regenerating Us: Environmental Activism, Gender Relations and Power Dynamics in Contemporary Paganism in Portugal*. Lisboa: Iscte, tese de doutoramento. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/30284>> (última consulta em outubro de 2025).

- MCGUIRE, Meredith B., 1983, “Words of power: personal empowerment and healing”, *Culture, Medicine and Psychiatry*, 7 (3): 221-240. DOI: 10.1007/BF00049311.
- MCGUIRE, Meredith B., 1993, “Health and spirituality as contemporary concerns”, *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 527 (1): 144-154. DOI: 10.1177/0002716293527001011.
- MCGUIRE, Meredith B., 2008, *Lived Religion: Faith and Practice in Everyday Life*. Oxford: Oxford University Press.
- MERCHANT, Carolyn, 2023, *A Morte da Natureza: As Mulheres, a Ecologia e a Revolução Científica*. Águas Santas: Edições Sem-em-Pé.
- MIES, Maria, e Vandana SHIVA, 2014, *Ecofeminism*. Londres e Nova Iorque: Zed Books.
- PIKE, Sarah M., 2017, *For the Wild: Ritual and Commitment in Radical Eco-Activism* (1.ª edição). Oakland, CA: University of California Press.
- PIKE, Sarah M., 2019, “‘Wild Nature’ and the lure of the past: the legacy of romanticism among young pagan environmentalists”, in Shai Feraro e Ethan Doyle White (orgs.), *Magic and Witchery in the Modern West Celebrating the Twentieth Anniversary of the Triumph of the Moon*. Londres: Palgrave Macmillan, 131-152.
- ROBERTS, Jason, 2023 [2020], “Political ecology”, in Felix Stein, *The Open Encyclopedia of Anthropology* (facsimile da 1.ª edição da *The Cambridge Encyclopedia of Anthropology*). DOI: <http://doi.org/10.29164/20polieco>.
- ROUSSOU, Eugenia, 2016, “A transformação de religiosidade em Portugal e na Grécia: uma comparação etnográfica da nova espiritualidade e pluralismo religioso no sul da Europa”, *Revista de Estudos da Religião*, 16 (3): 66-80. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/31182> > (última consulta em outubro de 2025).
- SAAVE, Anna, 2022, “Ecofeminism now”, in Eric Canepa e Haris Golemis (orgs.), *Left Strategies for the Covid Pandemic and Its Aftermath*. Londres: Merlin Press, 335-350.
- SALLEH, Ariel, 1992, “Ecosocialismo-Ecofeminismo”, *Ecologia Política*, 2: 89-92. Disponível em: < <https://www.ecologiapolitica.info/producte/02-ecologia-politica/> > (última consulta em outubro de 2025).
- SALLEH, Ariel, 1995, “Nature, woman, labor, capital: living the deepest contradiction: Capitalism”, *Capitalism Nature Socialism*, 6 (1): 21-39. DOI: 10.1080/10455759509358619.
- TORRE, Renée de la, e GUTIÉRREZ ZÚÑIGA, Cristina, 2020, “The sacred feminine in Mexico’s neopagan women’s circles”, in Anna Fedele e Kim Knibbe (orgs.), *Secular Societies, Spiritual Selves? The Gendered Triangle of Religion, Secularity and Spirituality*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 90-108.
- VELLOSO, Brunella Lago, 2020, *Arqueologia e Apropriações do Discurso Científico na Construção da Identidade Celta no Ocidente Peninsular e nos Novos Cultos a Endovélico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10451/45370> > (última consulta em outubro de 2025).
- WHITEHEAD, Amy, 2018, “Indigenizing the goddess: reclaiming territory, myth and devotion in Glastonbury”, *International Journal for the Study of New Religions*, 9 (2): 215-234. DOI: 10.1558/ijsnr.37621.
- WILKINS, Dominic, 2021, “Where is religion in political ecology?”, *Progress in Human Geography*, 45 (2): 276-297. DOI: 10.1177/0309132520901772.
- ZWISSLER, Laurel, 2009, “Ritual actions: feminist spirituality in anti-globalization protests”, in Chris Klassen (org.), *Feminist Spirituality: The Next Generation*, Lanham: Lexington Books, 159-177.

ZWISSLER, Laurel, 2012, “Feminism and religion: intersections between Western activism, theology and theory”, *Religion Compass*, 6 (7): 354-368. DOI: 10.1111/j.1749-8171.2012.00363.x.

ZWISSLER, Laurel, 2018, *Religious, Feminist, Activist: Cosmologies of Interconnection*. Lincoln, NE, e Londres: University of Nebraska Press.

Receção da versão original / Original version	2023/05/16
Receção da versão revista / Revised version	2024/10/15
Receção da segunda versão revista / Second revised version	2025/07/23
Aceitação / Accepted	2025/09/02